

# IMPRENSA YTUANA

DO INSTITUTO DO NOVO MUNDO

## ASSIGNATURA

Anno, 8\$000—6 mezes 5\$000. Tãno para cidade como para fóra.

PROVINCIA DE S. PAULO

## COLLABORADORES---DIVERSOS

EDITOR-FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

## CONDIÇÕES

Publicações e annuncios pelo preço que se convencionar.

BRAZIL

Publica-se aos domingos, recebe-se annuncios até as sextas-feiras ao meio dia.

Anno II

Ytú, 18 de Novembro de 1877

N. 90

## IMPRENSA YTUANA

Ytú, 18 DE NOVEMBRO DE 1877.

### A Santa Casa de Misericordia de Ytú

Uma necessidade das mais palpitantes do nosso municipio, digna de ser remediada pela benevolencia publica, é achar algum meio para socorrer este asilo de caridade.

Os escasos recursos de que dispõe a Santa Casa, malmente dão para as despesas quotidianas e por este motivo não pode satisfazer o beneficio de que actualmente precisa.

As ultimas chuvas fizeram grandes estragos no edeficio, e este mal que agora podia ser atalhado com facilidade mais tarde será difficil fazello; pois quanto maior for a demora em reparar este prejuizo, maiores serão os obstaculos e difficuldades, porque os estragos irãõ augmentando e o que agora se pode fazer com uma pequena quantia mais tarde será necessario grandes recursos para o realizar.

Como a Santa Casa, não tem meios para reparar esta precisão, estamos certos que o nosso publico, generoso como é, não se negará a concorrer com sua protecção para um fim tão nobre e necessario.

Aqui, que tomamos a felicidade de ver que a instrucção é a coroadã com dedicaçãõ, e que ha muitos que se encarregam de levar aos cegos de entendimento esta esplendida luz, que hade devastar as trevas da ignorancia; temos certeza que tambem será auxiliado este nobre asilo, que dá o pão, conforto e amparo aos desvalidos.

Se quem auxilia a instrucção, faz uma generosa acção da qual hãõ de resultar immensos beneficios no futuro; tambem quem protege um asilo de

caridade, pratica um nobre feito que dá beneficos fructos no presente.

Hoje, mais do que nunca é necessario que aquellos que tem demonstrado que sabem exercer a caridade, dando o pão intellectual aos espiritos famintos de luz, se encarreguem de auxiliar a Santa Casa de Misericordia, que tanto precisa da protecção das almas nobres e caritativas.

Havendo vontade de auxiliar não faltãõ meios para o fazer sem serem precizos grandes sacrificios.

E' sufficiente o promoverem uma subscripção entre os habitantes deste municipio, pois temos certeza de que ninguem se esquivará a concorrer para um fim tão util e humanitario.

Ainda ha outro meio do qual se pôde tirar um bom resultado, que é o nomearem commiões para grangearem donatidos e fazerem um leilão, sendo o seu producto para a Santa Casa.

Qualquer destas duas idéas apresentadas se houver alguém que procure realisal-as serão os seus esforços coroados com o mais brilhante exito.

Ao pedirmos a protecção do publico para a Santa Casa de Misericordia, aproveitamos o ensejo para fazer uma justa reclamação ao Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Provincia.

Nos annos anteriores o governo provincial costumava proteger a Santa Casa de Misericordia, desta cidade, dando uma quantia para auxiliar as suas despesas, mas no anno proximo passado deixou de o fazer e com quanto seja pequena essa quantia faz muita falta a este asilo, porque não sendo auxiliados os seus pequenos recursos, deixa de haver a boa ordem e regularidade de que tanto precisa.

E' necessario que o governo provincial, continue a prestar o seu apoio, e principalmente agora que é preciso reparar os estragos que tem o edeficio.

Oxalã que seja attendida a nossa

justa reclamação e que vejamos mais uma vez a população deste municipio, concorrer com sua protecção para fazer o melhoramento do que necessita a Santa Casa de Misericordia, este nobre asilo que precisa do auxilio dos corações philanthropicos, para o desempenho de sua generosa missãõ.

Por isso cremos profundamente que não passará desapercebido o appello que fazemos ao publico e ao governo, para que proteja esse templo de caridade.

## COLLABORAÇÕES

### Castellar em Paris.

A recente presença de Castellar em Paris proporcionou-lhe as mais expansivas demonstrações de apreço da parte dos mais fulgurantes vultos do democracia politica da grande Capital, e que o são tambem da aristocracia da intelligencia.

Ostentosos banquetes forãõ lhe ofertados e afflurãõ-lhe visitas caracterizadas por feição de summo interesse internacional.

Este facto que poderia parecer menos importante, pelo character não official de seus actores, e não dever repercutir no longinquo continente transatlantico, foi entretanto aqui apdeorado pela imprensa, o que traduz que do mesmo reverbera qualquer laivo de transcendente importancia social. Quando a atençaõ do mundo civilizado volve-se pressurosa e concorde para qualquer facto, embora insignificante em apparencia, é que n'elle palpita um alto interesse para a civilisação.

A face de importancia, que brilhante se desprende d'esse facto, é que n'elle se espelha a prova da solidariedade que começa a cimentar-se entre os membros proeminentes na democracia internacional.

Essa ausencia de solidariedade tem sido até aqui uma falha capital na armadura da democracia e quiçã a principal causa no retardamento da marcha das nações para as aspirações em que a maior parte d'ellas se revolvem impotentes.

O mesmo illustre tribuno que acaba de receber em sua honra a consagração d'essa solidariedade não ha muito que apontou com sua palayra esplendida essa lacuna na acção pratica da democracia.

Foiem um banquete a elle offerecido em Roma pelos seus admiradores a rediviva nação italiana. Ahi Castellar em um dos mais magnificos arroubos de sua festejada eloquencia, referindo-se á malograda republica hespanhola atirou a face da democracia europea a accusação de indifferença diante da luta do liberalismo hespanhol contra a reacção auxiliada pelos reaccionarios colligados de outros paizes.

Na verdade, como vencer essas avalanches tão cedo renovadas quanto custosamente desfeitas pelos republicanos hespanhoes isolados!

Pobres naufragos no oceano do abandono universal!

Navegantes indefesos sorprendidos em alto mar pelos piratas colligados da reacção, quando em viagem franca e leal para a terra prometida de suas aspirações!

Apenas, disse o tribuno, como um protesto a tanta indifferença, um d'estes homens que tem dedicado toda a sua vida á causa da humanidade—Garibaldi, offerceõ-se em generoso auxilio á causa da republica hespanhola.

Hoje porem a julgar-se pelas manifestações dos mais notaveis vultos politicos de Paris, parece que as palayras do tribuno echorãõ n'esses grandes espiritos, que de uma phrase, de uma palavra tirãõ com a intuição do genio os ultimos desenvolvimentos e comprehenderãõ que as palayras de Castellar no banquete de Roma deve-

## FOLHETIM

### O NAMORO

Haverá por ahi alguém, por mais sensato que seja, que não tenha pago o seu tributo a este ridiculo?

Respondãõ com franqueza os leitores e, sobretudo, as adoraveis leitoras, cujos encantos tem sido sempre a causa dos grandes feitos e tambem dos desatinos que se praticãõ.

O namoro é quasi tão antigo como o mundo.

Digo—quasi—porque o homem de barro, o desventurado Adão, feito á imagem divina, não teve tempo para namorar. Atirado no meio dos esplendores do Edem, elle presentiu, entretanto, aquella necessidade que o Creador apressou-se em satisfazer, dando-lhe por companheira a mulher.

Adão debutou prosaicamente pelo casamento, sem que tivesse o ensejo de offerecer á sua amada um ramalhete de flores symbolicas, de possuir uma trança de seus cabellos, de pisar-lhe no pé, um piscar de olhos aos me-nos.

Feliz ou infelizmente, porem, das diabruras da serpente para cá as cousas mudãõ de aspecto.

O namoro tornou-se lei fatal, a que todos estãõ sujeitos.

Estudemos, pois, o namoro. Se dermos credito ao que dizem nossos avós, elles nunca namorãõ.

Vociferando sempre contra as loucuras da actualidade, pretendem convencer-nos que as praticas daquelle tempo, em relação ao hymineu resumiu-se no seguinte: —vi, gostei, quero casar.

Hypocritas!

De onde foi que nos veio o gracioso presen-

te do panninho de barba, cheirando a alfazema, em forma de punho de camisa, com a respectiva cercadura de renda?

Quem foi que nos legou o lencinho de cambraia com o coração no centro trespassado por duas setas e um verso em cada canto? Deixem-os fallar.

Namorãõ, e muito bem, com todos os fff e rrr, ainda melhor do que nós!

O prologo dos casamentos daquelles bondes tempos começava, geralmente, em uma patuscada na ilha do Governador ou de Paquetá.

Era um namoro obrigado a feijoadas e á cabeça de porco, sob a frondosa copa de vetusta mangueira, ouvindo-se o murmurar das vagas nas praias desertas, ensombradas de coqueiros.

Parece-me que os estou vendo em tão esplendidos scenarios.

Elle, de jaqueta branca, calça preta e chapéo de palha.

Ella, com um singelo vestido de cintura curta, luvas de retroz, e o rosto emoldurado em uma especie de canudo, como erãõ os chapéos de então.

Elle atira-lhe um olhar significativo.

Ella abaixa os olhos.

Elle pisca-lhe um olho.

Ella córa.

Elle pisca-lhe outro olho.

Ella sorri.

Ebrio de alegria quer tirar a prova do nome de sua felicidade. Passa por perto della e... zás, pisa-lhe no pé...

— Ella deixa-se pisar.

Dahi em diante principiava para ambos uma série de pequenos martyrios, que ainda mais contribuia para avivar a chamma do amor.

pai severo e intolerante, unida ao oihar perspicaz de uma mã carinhosa e desvelada.

Como fallar-lhes?

Os namorados viãõ-se em sérias difficuldades.

Era preciso appellar para o unico recurso de que podião dipor—o bilhete amoroso.

Apparecia então em scena uma sinhã Miquelina Rosa do Amor Divino, embrulhada em vetusta mantilha, presa á cabeça por enorme pente de tartaruga, senhora tida e havida como um prototypo de virtudes, gozando de immensa popularidade nas sacristias e perita em curar cachumbas, cobreiros, mãos o-lhos atravessados e espinhela cahida.

Sinhã Miquelina, graças á mantilha, introduzia-se na casa com o titulo de devota, e me-zes depois estavãõ os dous pombinhos unidos para sempre pelos laços da Santa Madra Igreja.

Agora perguntamos aos nossos avós:

—E' isto porventura, o que os senhores chamavãõ: —vi, gostei, quero casar?!

Deixemos o namoro antigo e vejamos como procedem os modernos.

O typo mais saliente deste ligeiro estudo é o do —namoro de rotula.

Figurem os leitores qualguer rua da Cidade Nova.

São cinco horas da tarde.

A janella de uma casinha torrea debruçada encantadora menina, de nariz arrebitado, tez cor de jambo, sempre a sorrir, e disposta a lançar fogo em toda a vizinhança com as fagulhas que despede de seus olhos vivos e travessos.

Um elegante do bairro passa-lhe pela janella, e diz:

—Jesus! que cousinha bonitinha!

Ella finge que se enfurece bate-lhe com a janella á cara.

Elle vai até ao canto, volta; a mesma contra-scena.

No dia seguinte pede-lhe a flor que tem nos cabellos.

—O senhor não se enxerga? Tal é a sua resposta, virando a cabeça para um lado, e dando com os beiços esse estalinho caracteristico, que o vulgo chama —muxôxo.

O elegante não desespera; sabe que estas cousas tem o seu curso regular, e volia no dia immediato.

Então o comprimento é mais lisongeiro:

—Que anjinho do céu!

Ella diz-lhe sorrindo:

—Acho bom.

Este —acho bom— é a chave do namoro.

Principiãõ as trocas de flores, os cochichos á noite junto á rotula e os sustos a cada momento.

Ora é a mã que grita de dentro:

—Marianninha, q que é que estãõs fazendo? Sahe dessa maldita janella!

Ora é um sujeito que por entre as grades da veneziana observa os dous namorados, apparecendo quando elles menos esperãõ, e obrigando-os a separarem-se.

A's vezes é um vizinho que, despeitado porque a menina não lhe deu corda, escreve cartas anonymas ao pai, e mofna pelos jornaes, em que se lê: —Grande escandalo! Chama-se a atençaõ do infeliz pai de familia, que mora na rua de... para o que se passa todas as noites junto a certa rotula. Se as cousas continuarem, publicaremos por extenso o nome do tal marreco.—O gravatinha azul.

Outras vezes é um grito—Fuja, ahi vem papai! Estamos perdidos!

O elegante tem sempre o seu quartel de segurança em uma botica, armarinho, ou loja de barbeiro da esquina.

Ahi são lidas todas as cartas que a namorada lhe escreve, e com estrondosas risadas commentãõ-s os mais pequeninos incidentes do namoro.

Eesses namoros de rotula, quando não aca-

rião de então em diante inscrever-se no regimen disciplinar da democracia internacional.

Assume as proporções de curioso phenomeno social, que os apóstolos do erro, das trevas, do passado se vinculem por laços de auxilio mutuo traduzido em accão positiva, quando os propugnadores pela verdade, pela luz, pelo progresso tem lutado relativamente isolados, succumbindo as mais das vezes, ao volume do numero, embora athletas valentes illuminadas pela aureola prestigiada da verdade.

E' que os primeiros consciões que não lhes assiste um ponto de apoio nos impulsos espontaneos da humanidade alastrão as suas trêdas diligencias por todas as esphêras possíveis de apoio, até ainda ao do crime, quando os segundos com a ingenuidade immanente á uma consciencia limpa e á lealdade de intuitos, confiam por demais na espontaneidade dos bons impulsos da humanidade.

E' de bom critério que comecem á comprehender que essa confiança destão do nivel intellectual em que ainda infelizmente fluctuão as massas, já mesmo em alguns paizes que parecem mais aprimorados em civilização.

Auspiciosa é pois essa manifestada solidariedade pelo progresso.

Castellar por sua parte não limitou-se á alvô passivo n'as manifestações. Ao impulso de um coração tão generoso quanto bem harmonizado com sua esplendida intelligencia, fez mais de uma visita ao tumulo de Thiers, acompanhando com tocante e cavalheiresca delicadeza a viuva do grande estadista n'essa piedosa romaria.

Narra a historia que Napoleão I conservou-se por longos momentos de meditação diante ao tumulo do grande Frederico da Prussia, pedindo, quem sabe? inspirações de planos autocraticos, a mansão tumular d'aquella herde de tantas epopeias militares.

Pois bem! Os pensamentos que deverião atravessar o cerebro de Castellar perante o tumulo de Thiers devem bem mais interessar á causa da humanidade e civilização que essa famosa meditação narrada pelas lendas militares do maior guerreiro do seculo.

Quantas reflexões para Castellar ante o tumulo de Thiers!

Como elle, o grande espirito que se desprendêra d'aquelles despojos funereos houvera sido o eleito da patria para firmar a forma e a substancia da democracia depurada da demagogia. Como elle, Thiers nessa missão submergira-se sob a onda dos preconceitos e paixões nacionaes, mais feliz que elle todavia em deixar mais consolidados os seus esforços. Como elle, Thiers deixára a arena illuminado pela aureola da sinceridade de suas in-

bão em casamento, terminão quasi sempre por sovas de páo.

Não menos notavel é o typo do namorado que dá serenatas.

Com a enricada cabelleira dividida em duas porções desiguaes, uma fingindo elevada montanha, do cimo da qual surge a ponta indistincta de escuro pallito, outra uma collina, cujas fraldas vem prender-se ao pavilhão da orelha, macio ninho de um cigarro apagado, faz gosto vel-o, sob as janellas de sua bella, de violão a tiracollo, manifestar-lhe por musica a chamma que o devora.

E' assim que elle canta:

« Carolina que hora são estas Meia-noite, murmura istremece. Fita os olhos além da janella, Branca lua no céu apparece. »

Os namorados desta especie tem por theatro as immedições da rua da Misericordia, becco da Fidalga, rua Fresca, ladoira do Castello, etc.

Eis-nos agora em face de outro namorado, assás característico: o do trinta botões.

E' o derrico do sôr Manel com sôra Maria. O primeiro encontro é no pateo do cortiço, onde morão ambos dous.

Ella vergada sobre a gamella, ensaboa roupa, atordoando os echos com as saudosas estrophes de uma canção da terra.

Elle, encostado á pipa de agua, contempla extatico aquella visão, que dir-se-hia vasada nos moldes os mais esplendidos das creações flamengas.

A sôra Maria interrompe o extases:

— O que estás tu olhari?

— Estou a ber-te. Ah! sôra Maria, se a senhora suvesse o que bai cá por dentro...!

— Cá por dentro aonde? Ai credo! alguma desordem no cortiço?

— Não, sôra Maria... Se quer que lhe diga... assim n'uma cumpração... deixe lhe

tenções e elevações de suas vistas.

O que faltou á ambos para que vencessem.

Faltou-lhe-os habitos e educação nacionaes ainda falseados para o jogo da nova disciplina em virtude do jugo secular das côrtes corrompidas.

Menos felizes que Wasington, faltou-lhes a condensação de todas as vontades convergindo para um mesmo ideal. Ainda, menos felizes que Wasington, faltou lhes um campo de accão desembaraçado das tenazes e violentas pretensões dynmasticas. Ambos—estrellas de primeira grandeza, mas eclipsados na positividade do brilho, quando em paralelo com um Wasington pela differença do meio em que tiverão de actuar.

Heje, um jaz envólto nos misterios da eternidade na phase em que sua bandeira ergue-se mais triumphante pelo suffragio universal: outro peregrina pelos paizes estrangeiros para esquecer as decepções de sua patria, esperando que do poderoso laboratorio deste seculo surja um futuro melhor para seu paiz e recebendo as manifestações de que é digno.

Essas manifestações accentuão uma nova tendencia, qual é a confraternisação internacional de todos quantos lutão pelo dominio do direito e da justiça. Ella é digna deste seculo em que a civilização se partilha em multiplas e porfiadas direcções.

PACHECO E SILVA.

Helena.

DE J. B. DE A. GARRET.

H LENA

E' um romance brasileiro de Garret.

O auctor não precisa exactamente a época, sendo mais ou menos, 1830.

E' pena que não pudesse completar o romance, aprezentando o começo apenas, pois mostra por elle, quão perfeito podia ser.

Pinta a opulencia de princepes, unida a simpleza, e cordialidade de patriarchas, dos colonos brasileiros. Esta fraze é exacta; a pintura exagerada.

Tem pensamentos de poeta, sentimentos ternos e isto descripto com delicadas cores, como tudo que sabe de Garret. Observações finas, ditos picantes, descrições mimozas.

O auctor falla nos nogenitos gallicismos do Morgado de Matheus.

Será elle izempto dellas?

Entende que as sensaborias podem ser expressadas por madrigaes? Daudinar-se deve ser aporuguezado? E Coquetteria? E glacé? Parterre? E outros, e outros?

dizeri... o meu coração não anda vom.

— Pois, filho, trata-te; nanja eu que sa não me tratasse!

— Não é isto, sôra Maria... E' que...

O sôr Manel, reconhecendo que com palavras não pôde exprimir o que sente, lança mão da linguagem positiva do gesto e ferra tremendo biliseço ao carnudo braço da sua amada.

— Olha a graça? diz esta, erguendo-se com o sabão em punho, e chi-pando-lhe valente murro bem no meio das costas.

Está aberta a porta dos amores.

O que dahi resulta sabem os leitores.

O sôr Manel vai á caixa economica, apura o capital e juro de uma caderneta, a sôra Maria faz o mesmo, mandão buscar á terra certidões de idade, justificão perante o bispaço que não tem impedimentos dirimentes e casão-se.

Não menos importante é o namorado que faz charadas amorosas.

Os padrões desta especie são uns pobres diabos que, ou por não lhes haver sido a natureza muito prodiga em dotes physieos, ou por falta de attractivos de espirito, tem a infelicidade de incorrer não no desagrado mas na indifferença do bello sexo.

O prurido de amar o mundo inteiro torna-os excessivamente ridiculos.

Nos bailes, nos passiosos, nos theatros, por toda a parte é in cressante vel-os fazer as taes charadas.

Passão por perto de uma moça, atirão-lhe um olhar languido, e dão dous passos para a frente, como se dissessem—uma.

Voltão e suspirão—duas.

Sorriem significativamente—uma.

O conceito consiste em levar a mão ao peito, ou abanar o rosto com o lenço vermelho de barra branca.

A moça não os comprehende, e lá vão elles repetir á outra a mesma adivinhação. No fim de contas em um bello dia esbarrão

Porque são tão gallicistas os melho-res escriptores de Portugal?

Todos os portuguezes que escrevem sobre o Brasil, sem o ter conhecido cahem em erro.

O Sr. Garret diz que—navegavam debaixo de um docel de mangueiras, que nasciam de dentro d'agua—Nunca soube que as mangueiras podessem nascer de dentro d'agua—

N'outra pagina, 68, diz—obra de duas leguas quadradas em redor da habitação, girava um fosso profundo, intranzitavel para os animaes ferozes. Não ha fosso que vede os animaes ferozes de tranzitar no Brasil.

Achariam elles sempre meios de passar, por mais alto e largo que fosse, pois seria impossivel conservalo em estado intranzitavel a's feras.

O dar o auctor ao negro do engenho o nome de Spiridião Cassiano de Mello e Mattos, mais ou menos, nome de um senador do Imperio, não foi bem achada a lembrança.

Espanta ver como pôde Garret escrever tanto e ter tempo para—viver no campo com os homens de guerra, nos sallões com as mulheres e frivolas do mundo, com as elegancias e fatuidades do seculo.

Era um genio.

Garret é o Chateaubriand da litteratura portugueza.

Y.

O ideal na arte

O ideal é a gata borralheira, a princeza que desconhecida e maltratada, foi atirada á cozinha, faz os serviços mais vis, até que o princepe, o poeta, a venha d'ahi tirar, a leve ao palacio da arte, e faça ali assentar-se em seo throno, como princeza que é, aquella radiante vizão de vida e belleza.

Poeta é aquelle que tira das mizerias da vida aquillo que é digno de apparecer no palacio da arte, aquelle que só aproveita das baixezas do mundo o que é digno de ser transfigurado e elevado.

Com o pretexto de serem exactos, os modernos francezes cahirão no erro de só pintar o que é baixo, grosseiro, feio.

Uns fazem santas as prostitutas; outros dão para endoazar a galé, o assassino, o adultero, o infame, chegando o máu gosto a querer poetizar a palavras mais porcas que existe na lingua. Andão a procura do lixo, para o ir enfeitar.

Seguindo essa escolla, vemos os nossos escriptores com tão baixo ideal, que não podemos deixar de lavar nosso protesto.

O Sr. Alencar pinta toda a brazi-

com uma solteirona feia e pobre, que por acaso decifrou a charada, e eil-os unidos para sempre.

São estes os que o vulgo chama namorados salgados.

Temos ainda o namoro pela Gazeta de Noticias, a cento e vinte réis por linha.

E' uma invenção moderna, que dispensa o Mercurio e tem dado optimos resultados.

E' o namoro do viuvo?

E' sempre justificavel... Se a mulher deixa-lhe filhos, a logica de que se serve é esta: pouco mais ou menos:

— Pobre criancinhas! Quem havia de tratar da educação dellas? Coitados! Encontrei uma senhora, que é excellente dona de casa... Já estou velho... Não ha remedio senão dar este passo pela segunda vez. Agora é que reconheço a falta que faz a minha defunta.

Se a consorte não lhe deixou prole, os recursos logicos são outros:

— Estou sósinho no mundo! Quando cahir doente não tenho quem me de um caldo... Preciso de uma companheira... E' bem contra a minha vontade que vou dar este passo.

E lá vai pela segunda vez á igreja ouvir o Ego auctoritate qua fungor, e ouvil-o-ha terceira e quarta vez, se o destino assim o permittir, fundando-se sempre nas mesmas razões.

Temos ainda o namoro de portas a dentro. E' o mais perigoso de todos.

Começa geralmente pelo jogo do visporá á quarenta reis o cartão, o é obrigado a chá com torradas todas as noites.

Escreveriamos um grosso volume se pretendesemos pintar os episodios extravagantes que se dão em taes namoros.

Sómente diremos que o namoro desta ordem passa por torturas infindas.

Ora é um passeio que se arma para Botafogo, justamente quando o desgraçado tem a

leira, como uma mulher perdida ou uma leviana: aquella que não é copia da Dama das camelias, é uma senhora hysterica, leve.

Outros não fazem mais que acompanhall-o pela senda de levandade, e falsidade, dando falsa idea dos homens, e das couzas.

Porisso vimos ha pouco o Sr. Julio Ribeiro, querendo pregar o protestantismo, feia, e secca religião da raça saxonica, antipathica a natureza ardente e apaixonada dos latinos, fazer o seu romance, em que falsificando a figura grandiosa do Padre Belchior de Pontes, faliou completamente ao ideal na arte, não sendo capaz de apontar um só traço verdadeiro da nossa terra.

Não ha duvida que existe pelo mundo muita realidade feia, e indecorosa: não ha duvida que ha muita mentira e sugidade.

Mas não haverão quadros dignos, scenas nobres?

Porque vão occupar-se unicamente com o que é de porco, e falso?

Faço aqui o meu protesto contas esta escolla que quer fazer da barregan a muza da arte, do assassino um heroe, pervertendo todas as noções do justo e injusto.

Y.

VARIEDADES

As abelhas.

(Continuação do N. 89)

E' só porem, quando ellas se veem na necessidade de se livrarem de inimigos reaes ou supostos que se servem da arma terrivel de que se acham munidas.

endo deixadas em paz, voam de flor para flor, só tendo em mira recolher a maior quantidade possível dos productos que fasem da agricultura um ramo de industria muito lucrativo em diversos paizes. E' encantador notar a correspondencia entre estas creaturinhas,—as abelhas e as flores. A docil flor se inclina e cede aos movimentos inquietos do insecto. O sanctuario que guardara fechado contra os ventos ella abre para a abelha, pois della depende em muitos casos a impregnação da flor. As precauções que a Natureza emprega para occultar aos olhos profanos os seus segredos nem por um momento embarçam esse insecto audaz; está em sua casa, para assim dizer e não receia ser tido como intruso. Uma especie de flores, por exemplo, é protegida por duas petalas que se reúnem em fôrma de um arco, como o iris nas margens das aguas, que desse modo protege das chuvas

penas no bolso um nickel de dous tostões; ora é a semana santa que se apresenta com todo o seu cortejo de amêndoas, sorvetes no Carceller, exposições da Notre-Dame, e não ha meio de fugir aos pedidos de festas da namorada, da futura sogra, dos futuros cunhados, dos futuros primos, de uma série de futuros, enfim, que reclamão presentes; algumas vezes são encomendas, cada qual mais impertinente, outras vezes bilhetes de theatro, etc. etc.

E onde fica o namoro financeiro?

Os leitores nunca ouvirão por ali este pergunta?

— Quanto ella traz para o prato?

E' dello, do namorado de escola positivista, que anda pelo juizo da provedoria e cartorios dos tabelliães a compulsar testamentos e folhear escripturas.

Estas praticas tem feito brilhante carreira no ultimo quarto do seculo actual.

Temos finalmente os namoros aristocraticos chamados do salão.

Quasi todos, como a rosa de Malherbe, vivem, não o espaço de uma manhã, mas o de uma noite.

Os que chegam até ao casamento são compellidos por uma phrase apenas, mas terrivel como o cadaver no banquete egypcio, ou a sombra de Banquo no festim de Macbeth.

Não sabeis qual ella seja?

E' simplesmente esta:

— Quaes são as suas intenções?

E como a tal interrogação é o—sepulte-se—de quasi todos os namoros, com ella damos fim a este artigo, para não entrarmos no dominio do noivado

FRANÇA JUNIOR.

os seus estames e pistillos. Outra especie, como a ervilha doce, tem um como que capacete, cuja viseira tem de ser levantada pelo insecto que quiz entrar.

A abelha toma lugar no fundo destes recessos dignos das fadas, cobertos de tapeçaria delicada, debaixo de pavilhões fantasticos, com paredes de topazio e telhados de saphira. E mesmo assim estas comparações são mesquinhas, pois são emprestadas a pedras mortas, enquanto as flores vivem e quasi sentem, desejam e esperam. E si o vencedor feliz destes pequenos reinos escondidos—si o violador imperioso dessas barreiras innocentes, o insecto, mexe tudo e o põe em confusão, ellas logo lh'o perdoam, o cobrem de sua docura e o carregam de seu mel.

Ha localidades favorecidas e horas felizes em que a abelha, colhendo a sua safra, faz consummarem-se myriadas de casamentos. Nas costas do mar, por exemplo, e na visinhança do oceano tempestuoso, onde de certo não se esperaria encontrar idyllios tão pacificos, si houver só um recesso umbroso, seguro, e de temperatura amena, a Natureza nunca deixa de ali crear um mundosinho escolhido; alli a flor cede á abelha seu nectar mais delicioso, e a abelha satisfaz os desejos imperiosos da flor.

Doce, amena e quieta é a hora que precede a noite. Afagada pelos ultimos raios do sol, cujo calor ella conserva em seu seio, rociada a sua corolla pelo orvalho, a flor como que fica conscia de duas vidas; é impellida a amar, e ama! Os estames arrebatam e espalham uma nuvensinha de incenso. Chega então a abelha que sem o saber, se faz a mediadora entre os dous amantes. Em procura de mel e de material para fabricar a cera, entra na corolla da flor e fica coberta do pollen espalhado pelas estames, e reparando-o inconscientemente aqui e acolá, fal o fructificar as flores, e o prado é convertido em leito nupcial por intermedio desse pequeno sacerdote, que nem em tal pensou.

Nem é menos importante que a abelha se levante cedo de manha e esteja presente no momento em que a flor—que dormiu debaixo do orvalho penetrante—acorda e principia um dia novo. Afagada pelo raiu sympathico não resiste mais e torna-se uma fontesinha que distilla gotta a gotta o mais doce mel. Opportunamente chega então a abelha, e pouco é o trabalho que lhe resta a fazer, pois o doce thesouro, preparado naquella hora de perfeição, está quasi inteiramente prompto para ser depositado nos armazens da colmeia. Ao meio dia, porém, quando o calor é tão intenso, deixará de trabalhar esse insecto activo? O sol resplandecente e a atmospheria secca teem murchado as flores do campo; mas nas florestas, nas margens dos riosinhos e das lagôas as ha em abundancia, cheias de vida, convidando as abelhas a vir e saciar-se de suas doçuras.

Mas observemos as abelhas em sua casa. Em commun com as formigas e alguns outros insectos que vivem junctos em grandes colonias, a sua vida é a de castas virgens laboriosas, que como tias e irmãs se dedicam inteiramente aos trabalhos e cuidado de uma maternidade adoptiva.

Não se sabia, por muito tempo qual era o governo, o regimen politico, para assim dizer, das abelhas. Suppunha-se primeiro que esse Estado fosse uma monarchia, que tinha um rei. Mas não é assim; o rei é femea. Dir-se-hia, pois, que era uma rainha. Mas isto também é erro. Ella não só não reina e não governa, mas em certas conjuncturas é governada e até recolhida a prisão. Ella é ao mesmo tempo alguma cousa mais e alguma cousa menos do que rainha. E' objecto de adoração legal e publico; ou talvez seja melhor dizer constitucional, porque essa adoração não é tão cega que o idolo, em certos casos, não seja tratado como muita severidade.

Então, a fundo, o governo será democratico? Sim, se tomarmos em consideração o zelo e lealdade unanimes do povo, o trabalho espontaneo de to-

dos. Não ha quem mande. Comtudo té evidente que em todos os rabalhos de natureza elevada um corpo intelligente e selecto, uma aristocracia de artistas occupará o primeiro lugar. Uma cidade não é edificada nem organizada pelo povo inteiro, e sim por uma classe especial, uma especie de corporação. Assim também nas colmeias. Enquanto as abelhas communs sahem em procura do alimento para todos, outras, muito maiores, abricam a cera, dão-lhe as fórmas necessarias, e com muita pericia empregam-se nos diversos misteres. Como os branco-mações da idade media, esta corporação respeitavel de artistas trabalha e edifica segundo os principios de uma geometria profunda. Não construem, porém, os seus edificios de pedras mortas e sim de material feito por ellas mesmas, e vivificado em seus corpos com uma substancia vital.

Nem o mel nem a cera é material vegetal. As abelhas pequenas que vão em busca da essencia das flores a trazem já transformada e enriquecida com sua vida virginal. Doce e pura passa da bocca dellas para a de suas irmãs maiores, e estas, as fabricantes da cera, tendo recebido o alimento vivificado e dotado com a doçura que é, para assim dizer, a alma da raça, elaboram no de sua vez, e communicam-lhe uma propriedade nova—a solidez. Sabias e sedentarias, ellas transformam o liquido em um solido. Nem é isto tudo; a substancia duas vezes elaborada e duas vezes misturada com liquidos animaes no corpo das abelhas, é incessantemente h medecida por ellas com suas linguas, enquanto trabalham com ella, para que se conserve molle durante o trabalho, e se torne mais rija depois.

Observemos agora as abelhas trabalhando.

No centro da colmeia vasia uma abelha fabricante de cera tira de embaixo de suas azas uma taboasinha delgada de cera e toma-a na boca, donde, depois de bem amassal-a, a tira em fórma de fita. Oito vezes é repetida a mesma operação, e o resultado é oito tiras de cera que são collocadas em seus lugares apropriadas como as pedras fundamentaes do edificio a construir, ou antes da cidade que se va edificar. Outras abelhas levam para deante a obra, sem se afastarem muito do lugar em que foi principiada. Si qualquer trabalhadora menos intelligente não seguir o risco o plano prescripto, as abelhas mestras, mais peritas e com mais experiencia, logo descobrião o erro e remedial o-hão immediatamente.

Na massa solida, bem collocada e artisticamente quadrada, tem de fazer-se então uma excavação; é preciso também dar a massa outra fórma. Uma abelha, pois, separa-se das outras e com sua lingua dura, seus dentes e seus pés cava na massa até que, pouco a pouco, consegue dar-lhe interiormente a forma de uma cupula invertida. Si estiver fatigada antes que acabe a obra, é substituida por outras.

Da Revista Industrial.

Continua.

## GAZETILHA

**Festa do Bom Jesus.**—Hoje, na Igreja do Senhor Bom Jesus, como haviamos noticiado no numero anterior, terá lugar aquella festa com todas as solemnidades.

A tarde haverá procissão.

**O Contemporaneo.**—Foi distribuida essa importantissima folha illustrada no dia 10 do corrente, que recebemos no dia 15.

Na primeira pagina vem o retrato do illustre finado Conselheiro Francisco José Furtado, e em seguida um magnifico artigo biographico.

A terceira pagina, em ponto grande, é uma bella moça, viuva ha um anno, no cemiterio em profunda meditação ao pé da sepultura em que descansão os restos do adorado esposo.

O *Contemporaneo* é uma das mais importantes folhas illustradas que conhecemos e digna da coadjuvação publica.

**Instituto Ytuano.**—Já está funcionando a nova aula de mathematicas elementares, arithmetica, geometria e algebra.

Consta-nos que o professor é habil e tem as habilitações necessarias para desempenhar o espinhoso encargo de que se incumbiu.

E' uma boa aquisição que fez a directoria do instituto, pelo que se torna digna de louvores pelo zelo e dedicação que emprega no desenvolvimento e progresso desta instituição.

**O Horizonte.**—Acaba de ser publicado, no Rio de Janeiro, mais um novo jornal, com aquelle titulo.

A sua publicação é semanal; orgão litterario e noticioso.

Não tem *programma*, disse o seo editorial, porque, como disse um sabio escriptor—um *programma* porfim é sempre asneira....

Agradecemos a remessa do seo primeiro numero.

**Folheto.**—Foi-nos remetido da côrte um folheto intitulado *O dia de finados*, em versos satyricos, trabalho do illustrado poeta Arthur de Azevedo.

Tem o autor por fim mostrar o luxo que ostenta-se na corte no dia de finados, não respeita nem a morada dos mortos, que por sua vez ostentase imponente, vendo-se completamente enfeitadas quasi todas as sepulturas.

Em satyricos versos descreve o movimento e a triste alegria da rua do Ouvidor, no dia 2 de Novembro, emfim, o abatimento de uns e a alegria de outros, e em resumo o nada a que fica reduzido naquelle dia.... ue pagodeira.

Agradecemos.

**Castellar em Paris.**—E' este o titulo de um bem elaborado artigo que damos hoje na secção competente.

**Methodo de musica.**—Lê-se na *Provincia de S. Paulo*.

Vimos o primeiro exemplar da anciosamente esperada obra de Elias Lobo para o ensino da musica.

Consta de 103 li ões contidas em 40 paginas, nitidamente lithographadas pelo sr. Julio Martin.

Do merecimento do trabalho julgue os leitores pelo seguinte trecho de uma carta que lhe dirigio o sr. Raphael Coelho Machado:

«Si não existissem as suas numerosas composições musicas que lhe tem creado uma bem merecida reputação, este novo trabalho por si só seria bastante para dar-lhe um logar distincto entre os mestres.»

**Execuções publicas.**—Na Suecia foram suprimidas as execuções publicas, segundo declara uma folha estrangeira.

O rei sancionou a resolução adoptada pela ultima dieta, pela qual todo o réo condemnado a morte será executado no interior de qualquer prisão, sendo decapitado em presença dos funcionarios designados pela lei para cumprir esta triste missão, e de doze pessoas escolhidas entre os habitantes do municipio em que se verificar a execução.

A Inglaterra deo talvez o exemplo a Suecia para esta medida, porque ha muito que taes execuções se praticão naquelle paiz.

Não teria sido muito melhor ter suprimido de uma vez a pena de morte?

**Falcificação do café.**—O professor S. P. Sharples, ensaiador official do Estado de Massachusetts, investigou ultimamente algumas amostras do café moído que se costuma vender em pacotes, e achou que constava principalmente de ervilha, milho, aveia, centeio, etc. Substancias nocivas não encontrou, e se os que bem sabem quanto custa uma libra de café verde, esperam comprar por menos dinheiro a mesma quantidade de café moído, não devem estranhar que, em vez de tomarem café, tomem extracto de milho. Para se descobrirem adulterações elle dá as seguintes regras:

«Tome-se um copo de agua fria, e deite-se nella meia colherada de pó

de café, mexendo-o bem. Se for café puro, ficará nadando em cima da agua, e esta quasi não mudará de côr. Se houver pó de feijão ou de chicoria, descera ao fundo, e a chicoria tingirá logo a agua de côr escura; o feijão fará o mesmo passado algum tempo.

Prove-se então a substancia que ficou a nado, mastigando-a. O café está conhecido pelo sabor. A casca de uma especie de noz empregada extensamente na adulteração do café, e que nada também sobre a agua é dura e quebradiça. A de outra especie, que nada também, e que os dentes não podem distinguir do café quando é matigada, está quasi sem nenhum sabor. Depois de sujeitar a substancia examinada a estas experiencias, ponha-se uma porção sobre uma folha de papel e examine-se para ver se ha nella grãos de centeio, aveia e ervilha. Acham-se as vezes pedacinhos de ervilha do tamanho da oitava parte da ervilha inteira, e grãos de aveia e centeio partidos em meio. A chicoria é rija quando tomada entre os dentes e tem sabor amargo, diverso do do café.»

**Movimento da Santa Casa de Misericordia.**—Durante o mez de Outubro de 1877.

Existião do mez p. p.	18 doentes.
Entrarão neste mez	19 «
Sahirão com alta	7 «
Fallecerão	3 «
Existem em tratamento	27 «

A S. Casa deo remedio aos pobres externos, apromptando 150 receitas.

**Baptizados.**—De 9 a 16 de Setembro baptisarão-se os seguintes:

Dia 10. Maria, de 11 dias, filha de Francisco Gabriel Pereira e Maria Fermina de Santa Anna.

Antonia, de 12 dias, filha de Manoel Rodrigues da Silveira e d. Antonia da Silveira Moraes.

Dia 11. Cezario, de 35 dias, filha de Paulina, solteira, escrava de Maria Ognoria de Campos Pacheco, o qual é liberto.

Mariana, de 11 dias, filha de Mathias e Blandina, escravos de Manoel Leite de Sampaio.

Dia 12. Luiz, de 7 dias, filho de Benedicto Pinto Cypriano e Querubina Maria de Almeida.

**Cazamento.**—De 9 a 16 casarão-se os seguintes:

Dia 11. Luiz Leite de Souza com Benedicta de Campos.

**Obituario.**—De 9 a 16, sepultaram-se os seguintes cadavares:

Dia 11. Luiza, 41 dias, filha de Francisco Antonio do Nascimento e d. Ernestina Vasconcellos Nascimento; ataque de peito.

Dia 12. Roberto, dez mezes, filho de José de Souza Lobo Guimarães, e d. Joana Woll; gastro enterite.

Praxedes, solteira, 22 annos, escrava de Bento Paes de Barros, fallecida na S. C. de Misericordia; de tuberculosa.

Dia 13. Vicente, solteiro, 70 annos, escravo de d. Francisca Elidia de Goés Pacheco; hydropesia.

Raphaela, 1 anno, filho de João Baptista Correa de Moraes, e d. Anacleta Amelia da Silva; vermes.

Dia 14. Luiz, 11 mezes, filho de Francisco da Silva Machado e d. Maria Umbelina Pacheco.

Dia 15. Amelia, ingenua, 3 mezes, filha de Clara, solteira, escrava de d. Maria Vergina da Silva Prado.

D. Escolastica Maria Ramos, casada com João Pereira, 40 annos; hydropesia.

José, 30 mezes filho Joaquim Victorino de Oliveira e d. Leopoldina Maria da Conceição; vermes.

## SECÇÃO LIVRE

Facto viridico.

Sr. REDACTOR.

Nunca frequentei as columnas da imprensa, e neste momento sinto grande embaraço em o fazer. Mas como não venho com pretensões a ser intruzo litterato, mas sim por amor a ver-

dade, porisso sou obrigado a dirigir-me ao publico.

Ha tempos um negociante desta praça, offereceu-me com a maior franqueza prestar-me um favor, e como o meu dever era ser-lhe reconhecido, vendo que elle dependia de mim, prontamente offereci-lhe os meus prestimos em recompensa do que me prometia fazer.

Ora como deixou o tal de cumprir o que prometeu, era do meu dever praticar o mesmo; porque eu offerecendo os mesmos prestimos e prejudicando os meus interesses era na convicção que elles seriam recompensados pelo serviço prometido. Mas assim não aconteceu, o tal faltou a sua palavra, deixou de cumprir o seu dever como cavalheiro, illudindo a boa fé de quem lhe depositava confiança.

Vendo que não foi cumprido o que tratamos, procurei amigavelmente receber o fructo de meus trabalhos, mas o meu devedor não me quiz satisfazer alegando que eu lhe tinha offerecido os meus serviços de graça! é verdade que assim o fiz, porem foi condicionalmente, e como elle faltou ao que tratamos eu estava no meu direito de cobrar o que se me deve.

Assim o fiz.

Procurei primeiro ver se o conseguia amigavelmente, mas como nada pudesse realisar, dirigi-me aos tribunaes na certeza de que se havia de fazer justiça.

Infelizmente ali tenho visto que algumas testemunhas dependentes do meu devedor, tem faltado á verdade praticando actos indignos de homens de pundonor e dignidade.

E' por este motivo que venho hoje a imprensa, para que o publico reconheça de que lado está o direito e a razão.

Se d'aquelle que trata e não cumpre e depois nega-se a pagar o que deve ou do que procura receber o fructo do seu trabalho.

JOÃO IGNACIO DOS SANTOS.

### Resposta a Rondello, ex-alegria que é hoje tristeza e folia.

Não lamentos, Rondello teu estado. Que cargueiro as vezes tem ganhado, A Perdrix chupa o coco sem correr Milhões de vezes pungas tem reinado.

Oh! grão parrelheiro, oh! Rondello Tão innocente, candido, e bello, Dou-te pezames ao ver-te agoniado, Seja isto em desconto de teus peccados

Vi tuas iras, e bravatas, Vi teu abaixo assignado, E de tanta candura e pataratas, Fiz uma careta, abismado.

Assignatura dos dez carcamanos, E de gente que ouviu fallar, Diz-me, oh! cavallo, oh! tapado, Podes acaso alguma cousa provar?

Não comprehendes que longe do poste, Não se pode bem julgar? E que um pouco que mude a posição, Já não se pode bem reparar?

Pensas tu ganhar parrelhas, Com a grita da miuda arraia? Queres tu voltar a bruteza, Que havia na antiga raia?

Tens paixão pelo sistema antigo Em que se ficava demente, Em que se pagava quando perdia, O que era ou medroso, ou innocente?

Era dantes tudo loucura, Era tudo bandalheira, ou labia, Não havia homens de bem, Estavamos em plena Calabria!

Volta a ti, papista em pesinho, Só cuides em aligeirar, tapado, Que se soffres duros martirios, E' por culpa de algum peccado.

MICORT.

### EDITAL

O dr. Francisco de Assis Pacheco Junior Juiz de Orphãos desta cidade de Ytú e seu Termo.

Faço saber aos que o presente edital de vinte dias de pregões, e trez praças virem, que por este Juizo, findos que sejam ditos pregões e praças, tem de ser arrematado a quem mais der maior lance offerecer, no dia vinte seis de Novembro proximo, depois da audiência, á porta da Casa da mesma. — Um sitio com uma morada de casa, de nominado Sitio do Portão, alem do Salto de Ytú, na estrada para Campinas, avaliado por um conto e duzentos mil reis. (1:200\$). E assim será dito sitio arrematado a quem mais der no dia e hora acima indicados. E para que chegue a noticia a todos, mando ao porteiro do Juizo affixar o presente edital, no lugar do costume, será publicado pela imprensa de que passará a respectiva certidão. Dado e passado nesta cidade de Ytú, aos 26 de Outubro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos e setenta e sete. Eu Jose Francisco da Costa Escrivão de Orphãos que escrevi. — Francisco de Assis Pacheco Junior.

### ANNUNCIOS



### DESPERTAE

Joaquim Odurico de Campos Rego, participa aos seus amigos e freguezes, que poderá ser procurado a qualquer hora, troll e deligencia de aluguel, em casa de sua residencia Largo do Bom Jezus, n° 2

!! PREÇOS COMMODOS !!

1-4



### IMPERIAL FERRARIA

Ferraria e officina Mechanica fundição de ferro e bronze A.C. DE SAMPAIO PEIXOTO Campinas



### Escravos fugidos

Fugirão de Elias Antonio Pereira Mendes, morador desta cidade, os dous escravos seguintes:

Marcelino, côr fula, idade 40 annos mais ou menos, baixo, corpulento, boa dentadura, pouca barba, e só no queixo, coxo da perna direita, é official de pedreiro, crioulo de S. João Baptista, da Faxina; foi escravo de Castilho, e fugio á 3 mezes mais ou menos.

Adolpho, cor preta, idade 35 annos, crioulo de Sorocaba, baixo, corpulento, boa dentadura, barbado, e domador; fugio no dia 25 do corrente, e foi escravo de Thetonio José dn Araujo, este escravo tem no peito alguns carôcos a maneira de verrugas; levou roupa de algodão e camisa de baeta azul. Quem os prender e entregar á seu senhor, nesta cidade, será bem gratificado; e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem os tiver acoutados.

Ytú, 30 de Outubro de 1877.

3-3.

## SALTO

O abaixo assignado participa ao publico em geral, que sempre encontrarão em sua casa, boa comida, café, refrescos, cervejas de todas as qualidades etc. etc.

Promette igualmente dar peixe, em todas as quintas feiras no jantar, para que os visitantes que aproveitão n'aquelle dia o trem das 2 horas da tarde, possão melhor gosar o passeio que ali costumão fazer.

Ytu, 8 de Novembro de 1877.

2-2 Joaquim Francisco de Assis.

## BELLAS ARTES

A Sra. D. Lavinia, viuva do fallecido Cerrêda, tendo de chegar brevemente a esta Cidade, onde pretende fixar sua residencia, faz saber a este respeitavel publico Ituano; que tira retratos a oleo, em tamanho natural ou miniatura; faz quadros historicos, tanto da Historia profana ou sacra, assim como dará lições de desenho em casas particulares.

A longa pratica que tem a annunciante, que fez seos estudos na Academia de Milão, e 3 annos que trabalhou no Rio de Janeiro, e em diversas capitães das Republicas Orientaes, será uma garantia para seos trabalhos. Garante a perfeição e modicidade nos preços.

4-4

## MOVEIS

VENDE-SE por preço commodo dois consolos cinco cadeiras com pés torneadas, um lavatorio e uma cama franceza, tudo de caviuna e em muito bom estado de conservação.

Tambem se vende uma machina de costura e mais objectos de casa, que são vendidos por motivos de mudança. Quem pretendel-os pode dirigir-se a esta typographia para melhores esclarecimentos,

2-2

## VAMOS

## AOS

## 20:000U000

O abaixo assignado, agente das loterias de S. Paulo, tem á venda bilhetes, meios, quartos vigesimos da 10.ª, que vende pelos preços das casas de S. Paulo.

José Antonio A. de Almeida Garrett.

4-8

## ATTENÇÃO

Gengibirra! aonde? em casa de J. V. Martins.

A como? a 100 rs. meia garrafa! hé barato.

A garrafa custa 200 rs.

E' succulento e espuma muito mais que quanta cerveja nacional; mais confortavel e mais barato e mais saborosa que a annunciada gazoza!!!

Cheguem fregueses, e tragão os COBRINHOS, porque só se vende a L'argent contant. 1-3

## TYPOGRAPHIA

Vende-se por preço commodo, uma typographia uzada, inclusive um prelo quasi novo do autor TISSIER, com tamanho para publicar-se um jornal no formato da «Imprensa Ytuana». Quem pretender pôde dirigir-se a esta typographia, para melhores esclarecimentos.

### INSTITUTO YTUA NO

Acha-se aberta a aula de mathematicas elementares, arithmetica, geometria e algebra, sob a direcção do habil professor MARIUS RAYNOUARD, em todos os dias uteis, das doze horas a uma hora. Os alumnos que tiverem de matricular-se, devem entender-se com o professor mencionado, as horas indicadas, na sala do estabelecimento. 2-3

### JORNAL DAS

### DAMAS

Publicação semanal contendo romances, poesias, artigos sobre modas, etc; com oito paginas cada numero.

Collaborado por habéis pennas e entre ellas as de algumas senhoras. Esta importante publicação vae começar no dia 5 de Novembro e desde já aceita-se artigos escriptos por Senhoras e assignaturas á 12,000 reis por anno, no escriptorio da redacção á rua do General Camara n. 322.

RIO DE JANEIRO